

## **Interfaces entre comunicação e educação popular nos processos de implantação de rádios comunitárias em assentamentos rurais.<sup>1</sup>**

Rosane da Silva NUNES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Cariri, UFCA

### **Resumo**

Esse trabalho apresenta reflexões e resultados iniciais da interação entre pesquisadora e jovens de assentamentos rurais. A pesquisa busca perceber os significados para os jovens do envolvimento nos processos de implantação e desenvolvimento de rádios comunitárias, partindo da premissa de que a prática da comunicação de cunho alternativo pode ser um espaço de educação popular. A metodologia adotada é da pesquisa-ação, posto que se trata de um estudo voltado para a busca de soluções a problemas enfrentados pelas juventudes rurais. O trabalho de campo é o norteador da teorização que caminhará em paralelo à observação do processo interventivo e participativo. A ação ocorre nas seguintes comunidades: Assentamento 10 de Abril, localizado em Crato, no Cariri Cearense e Assentamento Cachoeira do Fogo, localizado no município de Independência, nos Inhamuns-CE.

**Palavras-chave:** comunicação comunitária; assentamentos rurais; juventudes; educação popular.

### **INTRODUÇÃO**

Com o intuito de conhecer os significados para jovens de assentamentos rurais do envolvimento destes nos processos de implantação e desenvolvimento de rádios comunitárias, iniciamos um trabalho de pesquisa participante, baseado da premissa de que a prática da comunicação de cunho alternativo pode ser um espaço de educação popular.

Uma pesquisa que se propõe a investigar processos relacionados à educação popular nos contextos da prática da comunicação comunitária no campo precisa partir da compreensão da questão agrária no Brasil, onde a posse da terra sempre foi permeada por estratégias políticas. Ainda no final do século XIX, por pressão do capitalismo inglês pela libertação dos escravos e às voltas com as rebeliões dos quilombos, o império tratou de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFC, professora assistente da UFCA, Bolsista CNPq EXP-B, email: rosane.nunes@cariri.ufc.br.

regulamentar o processo de posse da terra promulgando a “primeira lei das terras”, a Lei 601 de 1850, segundo a qual só poderia ter posse da terra quem a comprasse à coroa e tivesse esse processo registrado em cartório. Obviamente que os pobres e escravos libertos não poderiam adquirir terras desse modo, posto que a renda lhes fora negada por anos a fio. Só restou aos alforriados: migrar para as periferias das cidades, principalmente Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Percebe-se, portanto, que a problemática urbana tem sua origem na rural, pois os excluídos da terra foram buscar sobrevivência em vilas miseráveis (MAZOYER, 2010). Esse cenário demonstra que as questões rurais e urbanas estão imbricadas e que ambas são condicionadas pelo sistema capitalista industrial e suas mais variadas formas de dominação.

Uma das formas de perpetuação da dominação é a exclusão. No caso do campesinato, ela se dá também pelo isolamento dos círculos de decisão. Georg Lukács (apud RIBEIRO, 2010) já apontava o isolamento do camponês como obstáculo para sua organização e a teoria marxista em geral enxerga o movimento camponês como subordinado ao operário fabril, num claro reforço ao preconceito de classes, mesmo entre dominados. O isolamento que ainda persiste no campo, a despeito de algumas melhorias nos acessos rodoviários e nos transportes, afeta todos os membros das comunidades rurais, sobretudo os jovens, que se ressentem da exclusão digital.

(...) é possível reconhecer como muitas comunidades rurais brasileiras passam a experimentar, atualmente, com mais facilidade, uma mobilidade física (campo-cidade) através dos meios de transporte e uma mobilidade virtual possibilitada pela mídia, especialmente através do uso da internet. Entretanto, mesmo com toda a interatividade da internet, não se pode desconhecer que muitos jovens pobres, rurais e urbanos estão excluídos deste viver tecnológico. (SALES, 2010). Com isso, os/as jovens estão desconectados em um mundo conectado. (ALMEIDA, SALES, 2014, pags. 3 e 4).

A dificuldade de acesso à Internet reforça o acesso no campo à radiodifusão, um canal importante em comunidades rurais. O rádio tem sido largamente utilizado pelos promotores da comunicação alternativa, ganhando, nestes casos, denominações como rádio popular, rádio participativa, rádio alternativa ou comunitária. O sistema é bem simples, basta uma mesa de som, dois microfones, uma linha telefônica, um transmissor e uma antena para fazer ecoar a voz das comunidades. Por vezes, quando a falta de recursos impede a aquisição de equipamentos ou não se consegue autorização legal para fazer funcionar uma rádio comunitária, a solução é transmitir a mensagem por meio de um

sistema de alto-falantes, criando uma rádio-poste, é o caso dos assentamento em análise nesse projeto. Atualmente, este tipo de sistema rudimentar é pouco utilizado, mas houve época, principalmente na década de 1980, que este era o principal meio de comunicação dos bairros periféricos. A sofisticação é o que menos importa nestes casos, pois o fundamental é, sem dúvida, a possibilidade de participação, pois “o povo vai descobrindo seus meios de comunicação. É povo educando povo. É povo se comunicando com povo . A rádio popular é a parteira da voz popular” (Peruzzo, 1998, pag. 164).

A rádio comunitária, enquanto comunicação alternativa, está bem próxima da comunicação popular, que por sua vez tem forte aderência com a educação popular. Os movimentos sociais contribuem para o surgimento e a manutenção de projetos de comunicação popular, como jornais de bairro ou rádios livres, porém, o universo da comunicação horizontalizada, mediada por veículos, abarca outras formas de expressão não menos legítimas, como a musical, a corporal/dança, a dramática, a religiosa ou ambiental. Sobre isso, Oliveira (1994, pag.37) ressalta que:

A cada dia, novos protagonistas, jovens, crianças, donas-de-casa, além de lideranças comunitárias, passam a compor esse processo de comunicação, tornando essa realidade bastante complexa (...) Nesse sentido, estabelecer uma definição para a comunicação popular é reconhecer os diversos níveis e formas de comunicação existentes na vida cotidiana.

A comunicação que se propõe educativa se dá a partir da coparticipação dos sujeitos que a fazem, estabelecendo uma construção coletiva de pensamento alinhada com a concepção Freiriana, conforme Lima (2011, pag. 89) explicita, enfatizando que o “conhecimento é construído por meio das relações entre os seres humanos e o mundo, Freire está, na verdade, definindo a comunicação como a situação social na qual as pessoas criam conhecimento juntas, transformando e humanizando o mundo”.

Seguindo essa perspectiva, da comunicação como um direito e como forma de construção coletiva, buscamos compreender o seu potencial educativo popular entre os jovens envolvidos na implantação das rádios comunitárias. A pesquisa deriva de ações extensionistas nos seguintes locais: Assentamento 10 de Abril, localizado em Crato, no Cariri Cearense e Assentamento Cachoeira do Fogo, localizado no município de Independência, nos Inhamuns. O objetivo do estudo inspirado pelo trabalho extensionista é verificar o potencial educativo popular da comunicação alternativa através da identificação dos significados para os jovens sobre o envolvimento destes nos processos de implantação e desenvolvimento de rádios comunitárias em assentamentos rurais. Para tanto, os caminhos

delimitados são elaborar, através de métodos exploratórios de pesquisa, diagnósticos da situação dos assentamentos sob a ótica dos jovens da comunidade e verificar em que medida o envolvimento nos processos de implantação e manutenção das rádios pode ser um fator gerador de educação popular.

### **Assentamentos Rurais como lugar de pesquisa**

As duas localidades nas quais é desenvolvida a pesquisa pertencem a microrregiões diferentes e tem suas peculiaridades que a tornam singulares, no entanto, um traço em comum as aproxima: as juventudes que nela vivem desejam trabalhar a comunicação em seus territórios e ambos os assentamentos desenvolvem ações no âmbito da cultura popular, sendo um deles Pontos de Cultura<sup>3</sup>. Identificamos interesse dos mesmos em participar de ações no âmbito da comunicação comunitária a partir de visitas ao Assentamento 10 de Abril, em novembro de 2014, fato que nos levou a elaborar o projeto hoje apoiado pelo CNPq<sup>4</sup>. Também confirmamos essa demanda no Assentamento Cachoeira do Fogo, a partir de conversas com a coordenação do Programa Arte e Cultura na Reforma Agrária – Pacra, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra, o que nos levou a submeter o programa de extensão aprovado pelo Programa Nacional de Extensão Universitária – Proext<sup>5</sup>. Nos dois projetos, iniciados no primeiro semestre de 2015 e com previsão de término em dezembro de 2016, o objetivo maior é construir com a juventude local processos de comunicação comunitária a partir da radiodifusão, seja em rádios-poste ou em webrádios, de maneira que a comunicação possa contribuir para um processo educativo de resolução de problemas das comunidades. A seguir, alguns traços de cada localidade.

O assentamento Cachoeira do Fogo<sup>6</sup>, localizado no município de Independência CE, Território da Cidadania Inhamuns Crateús, fica a 28 km da sede do município. A área foi

---

<sup>3</sup> Programa do Ministério da Cultura que promove o estímulo às iniciativas culturais da sociedade civil já existentes, por meio da consecução de convênios celebrados após a realização de chamada pública. Fonte: Ministério da Cultura – MINC. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura>. Acesso em 26/04/2015.

<sup>4</sup> Projeto “A Voz da Juventude no Assentamento 10 de Abril”, aprovado pelo edital 19/2014 CNPq/MDA-Incra

<sup>5</sup> Programa “Nas Ondas da Terra: comunicação radiofônica em assentamentos rurais”, aprovado no edital Proext 2015 e coordenado pela proponente dessa pesquisa. Teve início em março de 2015 e findará em dezembro de 2016.

<sup>6</sup> Informações fornecidas pela coordenação do Pacra, de quem o projeto é parceiro.

desapropriada pelo Incra em 1997. Com uma população estimada de 300 pessoas, tem como principal atividade a agricultura familiar. Um grupo de mulheres se dedica ao artesanato de barro, enfrentando muitas dificuldades para manter essa tradição. A maior fonte de renda em especial para os jovens, é oriunda do emprego numa empresa de exploração de calcário, que fica nas proximidades do assentamento. Essa atividade extrativista vem gerando problemas ambientais na comunidade. O assentamento tem um pequeno Centro Multimídia, adquirido através do Ponto de Cultura, entretanto, não possui escola, funcionando na Casa Sede duas salas de educação infantil. As crianças e os jovens se deslocam para o distrito mais próximo e para a sede do município para estudarem. A infraestrutura comunitária é formada pela casa sede e por uma casa de assentado, que está desocupada, onde funciona o Centro Multimídia, a sede do Ponto de Cultura e um templo católico onde por vezes são realizadas reuniões. Na Casa sede são realizadas atividades culturais ou comunitárias que envolvam um maior número de pessoas. De acordo com a coordenação do Pacra, o Cachoira do Fogo é uma referência da cultura popular tradicional na reforma agrária. São inúmeros grupos culturais, como o reisado do mestre Zé Augusto e o reisado infanto juvenil Vicente Barroso. A música tradicional do reisado vem sendo mantida com a formação de uma orquestra de rabecas, integrada por jovens e crianças. Participam do projeto “Nas Ondas da Terra: comunicação radiofônica em assentamentos rurais” cerca de onze jovens, esse número ainda é flutuante.

O Assentamento 10 de Abril foi resultado da ocupação, em 1991, das terras do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, liderado pelo Beato José Lourenço, na cidade do Crato-CE. A história desse assentamento confunde-se com a história da luta pela democratização do acesso a terra. Localizado a 37 Km da sede do município, hoje a totalidade dos jovens em idade escolar estão estudando fora do assentamento, em virtude da definição pela Prefeitura Municipal do Crato de optar pela nucleação. A negação do direito a escola e a todos os benefícios que traria para a comunidade tem sido uma das principais preocupações desta. Em visita ao assentamento, identificamos que os jovens definem como fundamental que sejam criadas condições através das políticas públicas para que os assentados permaneçam no seu local. A coordenadora do grupo de jovens afirmou que o desejo da maioria dos 35 jovens do grupo é formar-se e continuar morando na comunidade. Esses jovens desenvolveram experiências de grupos de música (percussão), dança, teatro e vêm organizando festas na sede da associação. A relativa organização da comunidade gerou a conquista de equipamentos como rádio comunitária e Ilha Digital. A primeira estava

desativada há dois anos por falta de manutenção mas em trabalho conjunto de membros da comunidade e a equipe do projeto A Voz da Juventude no Assentamento 10 de Abril, a rádio foi consertada e voltou ao ar, e abril de 2014. Participam do projeto cerca de vinte jovens.

Apresentados os atores principais dessa pesquisa - suas relações com a cultura, as dificuldades no acesso à educação formal e disponibilidade em desenvolver ações de comunicação, destacamos a forte relação entre as comunidades dos assentamentos supracitados e os movimentos sociais, seja no âmbito político – através da participação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), seja no campo religioso – por meio de grupos de jovens ou de Pastorais ou no movimento sindical dos trabalhadores rurais. Tal envolvimento constitui um processo genuíno de educação popular, pois é participando dos espaços de mobilização social que jovens, mulheres, homens e crianças se constituem, uma vez que boa parte das problemáticas da educação do campo derivam da falta de um projeto para este, que dê conta de suas necessidades, ou seja, é principalmente na dinâmica social que se formam ações educativas, como constatou Sales (2003, pag. 8), “as expressões culturais e cotidiano são espaços privilegiados para esses jovens fazerem política” e como reforça Arroyo (1999, pag.15)

Como educadores, temos que ter sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural e perguntar-nos que novos sujeitos estão se constituindo, formando, que crianças, jovens e adultos, que mulheres, que lideranças, que relações sociais de trabalho, que valores estão sendo aprendidos nesse movimento e dinâmica social do campo.

No bojo dessa dinâmica podem estar os processos comunicativos, a tecer uma rede de mensagens e significados político-culturais capazes de revelar percepções, sonhos, identidades e culturas de um lugar. Sendo assim, a depender da forma como se desenvolve o processo comunicacional – se horizontalizado e participativo – ele pode ser um espaço de educação popular, porque vinculado aos temas geradores de vida na comunidade, como alerta Arroyo (1999, pag. 19), “nós temos que recuperar os vínculos entre educação e terra, trabalho, produção, vida, cotidiano de existência, aí está o educativo (...) à escola se vinculam sobretudo, às matrizes culturais do povo”. Percebemos, assim, a clara relação entre movimentos sociais, comunicação comunitária e educação popular, sendo essas três esferas entrelaçadas pela cultura.

## **Caminhos da teoria**

Os principais marcos teórico-conceituais que dão aporte à essa pesquisa são: juventudes, educação popular e comunicação alternativa/comunitária. Juntas, essas categorias caminham e constroem a base da pesquisa ao tempo em a mesma acontece em campo, gerando caminhos teóricos a partir da *práxis* inerente à extensão universitária. Com o intuito de descobrir o que a educação significa para os jovens, Matos (2003) identificou a pluralidade inerente às juventudes, permitindo vislumbrar diferenças significativas entre o jovem da zona rural e da urbana, ou entre aquele que estuda em escola pública e os que frequentam a escola particular. Abramo (In: COSTA, 2000) apresenta essa necessidade de rebelar-se do jovem como uma constante, ao longo da história brasileira. No entanto, a rebeldia dos jovens dos anos 1950 era interpretada à delinqüência gratuita e sem causa; já nas décadas de 1960 a 1970, a juventude posicionou-se politicamente e passou a ser vista como ameaça à ordem social; na década de 1980 e 1990, houve um recuo: os jovens não reivindicam o papel de transformadores e passam a resistir muito pouco ao modelo social que lhes é apresentado. Mas, à sua maneira, continuam buscando a rebeldia em atitudes individualistas, tais como o vandalismo. Abramo destaca que, independente da maneira como se posicionam perante o estado de coisas, a sociedade geralmente vê o jovem com temor. Damasceno (In: MATOS, 2003, p.33) alerta para a importância de resgatar as categorias jovem/estudante, jovem/trabalhador, “no sentido de melhor entender o que se passa no interior das práticas educativas, enquanto espaço de sociabilidade e de práticas culturais”. A autora pontua também que há duas vertentes acerca temática juventude, a geracional e a classista, tendo a primeira um olhar unificador e pessimista sobre os jovens (trata-se de uma fase transitória carregada de problemas), já a segunda concepção percebe a juventude como plural e rica em possibilidades de construto social.

Alguns termos tendem a homogeneizar realidades diversas, como por exemplo, as que se apresentam entre juventudes urbanas e juventudes rurais, categorias construídas socialmente. Apesar das diferenças entre o ser jovem na cidade e o ser jovem no campo, advindas das relações com o trabalho, o tempo de constituição familiar e outros aspetos, atualmente aspectos culturais de massa unificam esses grupos, como indica Sales (2003,p. 138).

não é tão simples distinguir o jovem urbano do rural; a relevante influência da *mass-média* no mundo rural tenta universalizar condutas, estilos de vestir e de falar, o gosto musical. Os meios de comunicação produzem uma forma de pensar e os jovens passam de certa maneira a se

sentir parte desse universo proposto, se reconhecendo com um modo de ser jovem que o serializa, o torna “igual”.

Essa uniformização se dá pelo consumo dos mesmos produtos da Indústria Cultural fomentada pelos veículos de comunicação de massa. Fato que nos suscita uma das perguntas que movem essa pesquisa: e quando os jovens se tornam produtores das mensagens, que conteúdos e significados fluiriam desse processo em que eles são os emissores e não os receptores da informação? De que maneira o lidar com as ferramentas de comunicação poderá inserir o jovem na busca de resolução para problemas de sua comunidade? Como se dará o fluxo de comunicação no assentamento, será intergeracional? Essa fluidez entre as duas pontas dos modelos de comunicação (ser emissor, ser receptor) está no cerne da comunicação comunitária, uma das vertentes da comunicação alternativa. Para analisar o conceito de alternativo na comunicação não podemos perder de vista alguns aspectos inerentes à prática de comunicar e informar. São eles, 1) o controle da informação exercido pelos meios de comunicação; 2) o conteúdo das mensagens e 3) a retroalimentação do processo comunicativo. O primeiro trata da forma de emissão, tanto no tocante aos meios tecnológicos como nas decisões sobre quais assuntos veicular. O segundo refere-se à realidade construída, de acordo com o contexto político-social em que ocorre o fato. Já a retroalimentação, diz respeito ao sentido oposto da via emissor-receptor, ou seja, a participação do público na construção desta realidade.

Um aspecto relevante na caracterização de uma mensagem alternativa é a retroalimentação, o sentido inverso do modelo matemático de comunicação, criado por Shannon e Weaver (BORDENAVE, 1982). A teoria linear de fonte-emissor-sinais-receptor-destinatário, embora ainda constitua um dos pilares da prática jornalística baseada na tentativa de objetividade, retrata unicamente a transmissão de informação, em detrimento da comunicação. O ato de comunicar pressupõe diálogo e, conseqüentemente, supõe participação. No caso da comunicação alternativa, a participação é indispensável, vez que se trata de uma característica dos movimentos sociais autênticos. Sobre isso, Cicilia Peruzzo, lembra que a comunicação alternativa “é resultado dos movimentos populares, de acordo com as suas necessidades. Nesse perspectiva, uma de suas características essenciais é a questão participativa voltada para a mudança social” (Peruzzo, 1998, pag75). A mesma autora salienta que as denominações alternativa, comunitária e popular reúnem formas de comunicação similares e o emprego de cada uma delas depende do recorte temporal do processo.



A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política. No entanto, desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão comunicação comunitária para designar este mesmo tipo de comunicação e também outras expressões similares. (PERUZZO, 2006, p. 2).

Adotamos o termo comunicação comunitária, por entender que ela reflete melhor os processos que se dão em um território social como um assentamento rural, pois essa denominação se refere mais especificamente à comunicação desenvolvida no âmbito de uma determinada comunidade, com “propriedade coletiva e difusão de conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania” (PERUZZO, 2006, p. 9), enquanto a denominada alternativa é mais ampla, abrange os movimentos sociais como um todo e pode atender a outros objetivos que não os supracitados. Ademais, o envolvimento dos jovens com a comunicação comunitária poderá criar um espaço não institucionalizado de formação política, uma esfera pública midiaticizada capaz de atrair juventudes que porventura se sintam isoladas de espaços institucionalizados de decisão, sendo uma porta para que eles ingressem nestes, se assim desejarem, pois se nota que:

(...) há análises que identificam , nas ações culturais juvenis e em suas diferentes formas de expressão , uma inovação no fazer político e de novas questões que podem pautar o espaço público. Nessas análises afirma-se que a juventude orienta ações de desinstitucionalização e vinculação a domínios não institucionais, ações que poderiam ser consideradas uma reinvenção na própria política, resultado não de desinteresse dos jovens pela política institucional, mas de um descrédito relativo aos mecanismos formais. (SOUZA et al In: MAYORGA; CASTRO; PRADO, 2012, p. 100)

Por fim, outro conceito-base nessa pesquisa será o da educação popular. Nesse campo partiremos de pensamentos na linha de Brandão (2006), que por toda a sua vida e obra dedicadas à educação para a autonomia, mostra-se contra a opressão e pela esperança, uma educação libertária, focada na troca de saberes e na valorização da cultura popular, todos aspectos norteadores de uma educação popular. Brandão faz um apanhado esclarecedor sobre os sentidos da educação popular que apoiará nossas reflexões em campo, inclusive pela contextualização do papel da agricultura e da industrialização para a divisão social do saber que hierarquizou lugares de fala, seja escrita ou oralizada. O autor também

relaciona a educação ao trabalho, ao desenvolvimento e a modelos tecnocratas capazes de provocar reflexões necessárias a quem deseja compreender o lugar da comunicação na educação popular, sobretudo porque comunicação e cultura estão profundamente imbricadas e esta guarda em si mesma as consequências de aprendizados, já que “aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura” (BRANDÃO, 2006, p. 22). Portanto, acreditamos que, ao relacionar construções epistemológicas e percepções empíricas que hibridizem conhecimentos em torno de juventudes, comunicação comunitária, educação popular amalgamadas pela cultura, poderemos realizar a presente pesquisa.

### **Procedimentos metodológicos e primeiras ações**

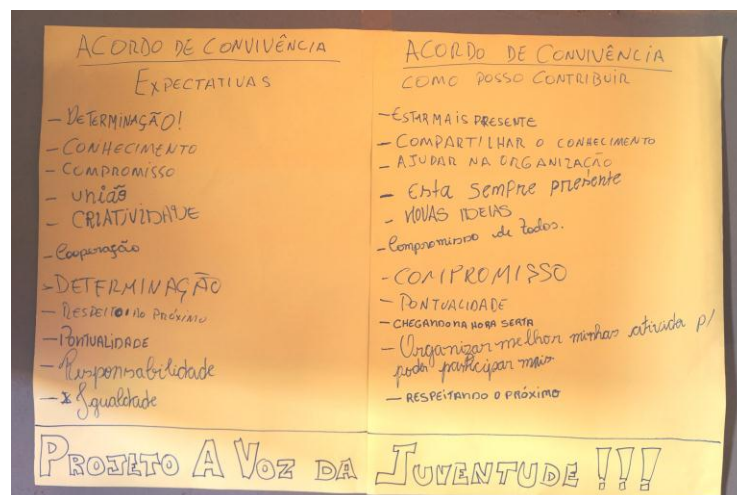
Sabemos que “o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo” (MINAYO, 1994, p.15). No entanto, há diversos caminhos a se tratar nesse tipo de pesquisa, pois entendemos métodos acadêmicos de investigação como “um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.22). O que propomos aqui é compreender e construir conhecimentos a partir de ações que buscam tratar questões sociais e técnicas em assentamentos rurais localizados nos municípios cearenses de Crato e Independência. O trabalho extensionista começou em janeiro de 2014 e atualmente estamos estabelecendo uma aproximação gradual com o campo de estudo, de maneira a identificar níveis de cooperação espontânea dos jovens com o trabalho de comunicação comunitária já previamente apontado por eles com uma demanda coletiva. Nesse momento, optamos pela observação participante – método bastante utilizado na pesquisa participante, com vistas a entender a cultura organizacional dos assentamentos, “usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações em áudio [...] descrever a situação, compreendê-la” (ANDRÉ, 2003, p. 37).

Por entender que essa pesquisa está associada a ações coletivas que visam a realização de objetivos de mudança social, acreditamos que a metodologia mais adequada a esse estudo será a de pesquisa-ação, que segundo Thiollent (2011, pag.7), “consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por

intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados”.

Essa metodologia busca associar conhecimento e ação ou mesmo “extrair da ação novos conhecimentos” (THIOLENT, 2011, p.8) a partir de métodos que extrapolem a coleta de dados e construam um trabalho contínuo de grupos formados por atores sociais da pesquisa e a equipe acadêmica. Compreendemos que a proposta de pesquisa-ação é desafiadora e que irá requerer, além de um longo trabalho de campo, a formação de grupos acadêmicos e comunitários e criação de laços entre eles que demandará muitos esforços. No entanto, vemos que adotar essa linha de pesquisa poderá ser bastante enriquecedor para todos os envolvidos: comunidades, pesquisadores e universidade.

Temos uma equipe composta por três estudantes de graduação em Jornalismo em cada Assentamento. Até o momento, foram realizado cinco encontros no Assentamento 10 de Abril e três em Cachoeira do Fogo. Em ambos, iniciamos as atividades elaborando um “acordo de convivência”, uma atividade que identificou as expectativas e propostas de contribuição ao projeto por parte dos jovens assentados. Consistiu em cada jovem indicar em um mural o que ele espera do projeto e em seguida o que ele pode fazer para que se concretize o seu desejo. Desta forma, se formou um ambiente de co-responsabilidade pelas ações e resultados do projeto, conforme indica a figura a seguir.



**Figura 3.** Acordo de convivência feito pelos jovens no Assentamento 10 de Abril  
Fonte: : Arquivo do projeto A Voz da Juventude

A tônica dos anseios dos jovens no Assentamento 10 de Abril foi semelhante à da contribuição dos mesmos, o que indica que os jovens sabem que o que se alcança dentro da comunidade depende em larga medida do que se oferece a ela. O mesmo se deu

no Assentamento Cachoeira do Fogo. Neste assentamento realizamos uma dinâmica a fim de identificar a relação dos jovens com seu entorno. A atividade consistia em cada um escrever em um pequeno pedaço de papel qual seu sonho para o assentamento, em seguida, todos colocam o papel em um balão de soprar, o enchem e soltam na sala, ao mesmo tempo. Cada um pega um balão no ar, estoura e lê o sonho do outro – a ação simboliza que o sonho individual se torna coletivo. O quadro abaixo traz os sonhos dos jovens do Cachoeira do Fogo:

**Quadro 1.** Sonhos coletivos de jovens em Cachoeira do Fogo.

Mais participação.
Sonho que a comunidade se estabeleça na paz, vinda da participação coletiva.
Que tenha mais pessoas que participem na comunidade.
Meu sonho é que haja mais união e mais interesse por parte dos jovens.
Eu gostaria que os jovens participassem mais
Uma praça e uma comunidade mais unida
Que o assentamento se torne uma escola de cultura e os jovens de hoje sejam os professores.
Bem sucedido, bem visto por toda a comunidade
Alegria de todos para a comunidade, união, companheirismo.
Expansão de conhecimento e união entre ambos.
Que o assentamento possa correr atrás do que precisa, cobrar das autoridades para resolver as necessidades, ser mais consciente na utilização ..., as pessoas se envolverem mais nos movimentos sociais etc.
Através da rádio o nosso assentamento se desenvolva e seja reconhecido em todo Brasil.
Um cinturão digital, para toda comunidade ter acesso a internet.

Fonte: elaborado pela autora

As demais atividades foram pautadas em atividades técnicas, mas com conteúdos formativos no campo político – os textos e assuntos trabalhados são principalmente na área da questão agrária e comunicação popular. Foram realizadas oficinas de comunicação comunitária, construção de notícias, locução e programação radiofônica no Assentamento 10 de Abril, de março a junho de 2014. Nesta última, foi construído um formulário com os jovens de consulta à comunidade sobre a nova programação da rádio - os dados estão sendo organizados e serão levados à reunião da Associação de Moradores do Assentamento 10 de Abril. A rádio estava sem funcionamento por problemas técnicos e foi reativada pela equipe do projeto, com o apoio da comunidade local e sua programação é de músicas e recados.



**Figura 4.** Exercício de construção de notícias  
Fonte: Arquivo do projeto A Voz da Juventude

Em Cachoeira do Fogo, devido à forte relação dos jovens com a música e a dança popular, esse é o fio condutor de nossas ações. Nas três oficinas realizadas no período de abril e junho de 2015, as atividades de consolidação dos assuntos tratados (comunicação comunitária, radiofônica e na Internet) foram relacionadas ao canto, literatura de cordel ou música – nesse quesito, realizamos oficina de rabecas trazendo o debate em seguida para a relação entre a música popular e comunicação midiática.



**Figura 5.** Oficina de música popular e comunicação  
Fonte: Arquivo do Projeto Nas Ondas da Terra

A cada visita aos assentamentos buscamos tecer compreensões sobre o que para os jovens significa o envolvimento nas atividades dos dois projetos. Ao final de cada oficina, é feita uma roda de conversa sobre as experiências daquele e dia, e geralmente os jovens

apontam que as ações desenvolvidas o ajudaram a despertar para realidades e contextos vivenciados na comunidade. Acreditamos que isso ocorre pelo fato de que as formações técnicas estão sempre alinhadas com assuntos relacionados à temas que os tocam, tais como a imagem dos assentados perante à sociedade, às dificuldades enfrentadas pela juventude do campo, questões de gênero no assentamento, entre outras. O debate em torno desses assuntos são desenvolvidos pelos próprios jovens e a equipe acadêmica procura mediar a fim os mesmos possam identificar de que maneira a comunicação popular pode contribuir para a resolução de problemas da comunidade.

### **Considerações Finais**

Até o momento, as ações nos dois assentamentos foram de formação básica preparatória para a produção em radiodifusão. No caso do Assentamento 10 de Abril, devido à existência da rádio a efetivação da comunicação comunitária se dará mais rapidamente. Já em Cachoeira do Fogo, esse processo será definido pela dinâmica da comunidade, como convém ao método da pesquisa participante, próprio da extensão universitária. Os projetos prosseguem até 2016, portanto, esse primeiro semestre foi de construções basilares. No entanto, percebemos claramente a interface entre as ações realizadas e a formação dos jovens no âmbito da educação popular, pois estas os aproximam da comunidade, fortalecendo uma identificação com a mesma.

Entendemos que esse trabalho poderá contribuir para reforçar a relação entre os três pilares do saber universitário – ensino, pesquisa e extensão; já que sistematizará resultados advindos de ações extensionistas planejadas e analisadas no âmbito dos grupos de estudo e de pesquisa que reúnem a pesquisadora e demais membros da equipe que as desenvolve. Sendo assim, acreditamos que esta será uma experiência válida para a diversificação de caminhos na geração de conhecimento científico.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMO, Helena Wendel. **A visão da juventude no Brasil**: um panorama histórico. In: COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000 .

- ALMEIDA, N. R. O. ; SALES, C. M. V. **Trajetórias, descobertas pelo universo virtual: a inclusão digital de jovens do campo.** In: I Congresso Internacional de Educação e Inclusão: práticas pedagógicas, direitos humanos e interculturalidade, 2014, Campina Grande - PB. Anais CINTEDI - (2014) - Volume 1 , Número 1 , ISSN 2359-2915. Campina Grande - PB: Editora Realize, 2014. v. 1.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999
- BORDENAVE, Juan Diaz. **Além dos meios e mensagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- DAMASCENO, Maria Nobre. **A formação da juventude:** educação e cidadania no contexto da diversidade cultural. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (org) Movimentos Sociais, educação popular e escola. Fortaleza: Editora UFC, 2003.
- LIMA, Venício A. de. **Comunicação e cultura:** as ideias de Paulo Freire. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventudes, professores e escola:** possibilidades de encontros. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- MAZOYER, Marcel. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **O Direito à Palavra:** Comunicação, Cultura e Mediações Políticas – a experiência das rádios comunitárias. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1994. (Dissertação de mestrado)
- PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares:** a participação na construção da cidadania. 2 ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Cicilia Krohling. **Revisitando conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 2006.
- RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SALES, Celecina de Maria Veras. **CRIAÇÕES COLETIVAS DA JUVENTUDE NO CAMPO POLÍTICO:** um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2003. (Tese de Doutorado).
- SOUZA, Luciana Maria de. Et al. Entre a nomeação e a instituição: reflexões a partir da juventude rural no sindicato. In: MAYORGA, Claudia.; CASTRO, Lucia Rabello de.; PRADO, Marco Aurélio Maximo. **Juventude e experiência da política no contemporâneo.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2011.